

Introdução

Filipe Elias Montalto é o nome adoptado pelo cristão-novo Filipe Rodrigues, após a sua adesão militante à religião judaica. Natural de Castelo Branco, onde nasceu em 1567, formou-se em Medicina na Universidade de Salamanca. Exerceu a profissão médica em Lisboa durante alguns anos, mas, fugindo à perseguição aos judeus, rumou à Itália, onde se notabilizou na área da oftalmologia, sobre a qual publicou a obra *Optica intra philosophiae, & medicinae aream, de visu, de visus organo, et objecto theoriam* (Florença, 1606), bem como na área da psiquiatria. O prestígio alcançado e o facto de ter curado Leonor Galigai, aia e irmã de leite de Maria de Médicis, que sofria de perturbações mentais, levou a que a regente da França o convidasse para médico da corte parisiense, em 1612. Aí redigiu a *Arquipatologia*, publicada em 1614, que é porventura, até ao momento, a obra mais exaustiva sobre doenças mentais, entre as quais se destaca a melancolia e a mania.

Uma das originalidades da *Arquipatologia* reside na consideração da dor como uma patologia específica, com causas e tratamento próprios. É esse o tema do primeiro dos dezoito tratados desta obra monumental. Ora, a dor é, para Montalto, um fenómeno complexo, em que o lado orgânico e o psíquico se articulam intimamente, apelando a uma abordagem médico-filosófica.

* CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa.

** CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa.

Os médicos estão habituados a lidar com a dor e a tratá-la. Mas a sua atenção foca-se particularmente nos aspectos orgânicos, deixando escapar o essencial, isto é, que a dor é um fenómeno psíquico, que tem condicionantes ou mesmo causas orgânicas. Os filósofos privilegiam a componente psíquica da dor, mas não indagam suficientemente qual a região do psiquismo que é afectada. A fim de evitar equívocos, Montalto afirma muito claramente que a dor é “uma paixão do apetite”, entendido este como uma faculdade afectivo-dinâmica que responde à necessidade de conservação da vida e à satisfação das inclinações naturais. Por conseguinte, a natureza da dor é primordialmente afectiva. Fica, assim, esbatida a fronteira entre dor e sofrimento, já que, na abordagem arquipatológica, a dor é uma afecção do próprio eu como resposta a alterações súbitas e preternaturais (ou que se afastam do curso habitual da natureza) do organismo.

Dor, sofrimento e saúde mental na Arquipatologia de Filipe Montalto reúne grande parte dos estudos elaborados ao longo dos três anos de execução do projecto “Arte médica e inteligibilidade científica na *Archipathologia* (1614) de Filipe Montalto”, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Os Seminários e Workshops, realizados a um ritmo bimestral, funcionaram como laboratório de experimentação, em que se procedeu á análise e discussão dos conceitos presentes na *Arquipatologia*, seu enquadramento teórico, carácter inovador e implicações terapêuticas. Esse trabalho interdisciplinar, envolvendo médicos, filósofos, historiadores, psicólogos e sociólogos, deu um contributo muito significativo para a compreensão da obra e seu contexto, apoiando-se na tradução realizada por Domingos Lucas Dias, Inês de Ornellas e Castro e Joana mestre Costa, e ajudando a resolver dificuldades inerentes a essa mesma tradução, em boa hora publicada pelas Edições Colibri.

Na organização do volume, foi dada prioridade à biografia e quadro familiar de Montalto, ao quadro do saber vigente no período do renascimento e respectivas fontes. Seguidamente, apresentam-se estudos distintos pelo seu âmbito e modo de abordagem acerca da dor e do sofrimento. O tratado IV, sobre a melancolia e o apêndice a este tratado, sobre a hipocondria, são objecto de trabalhos específicos, já que a melancolia era então um tópico médico-literário fundamental e a hipocondria, uma afecção com renovado interesse. A temática da alimentação foi igualmente convocada porque ela constituía uma parte decisiva da cura da doença, tanto física como mental. É essa a coerência do volume, que sai valorizado por dois

outros textos muito distintos entre si: o blogue de Madalena Esperança Pina, que ela compôs após diagnóstico de doença que a afastou do nosso convívio, um estudo de João David de Moraes, que questiona a tese habitual sobre o parentesco entre Filipe Montalto e Amato Lusitano. A equipa de investigação é solidária com os resultados do trabalho de Florbela Veiga Frade, mas não tem nenhuma pretensão de monopólio da verdade e entende que o debate vivo e sereno é uma via salutar para a elucidação de zonas obscuras do conhecimento.

Agradecemos aos autores dos textos e a todos os colegas que animaram os debates que promovemos e nos ajudaram a olhar com outros olhos para as mesmas coisas. Agradecemos o apoio institucional do CHC-CHAM, nas pessoas dos seus directores João Luís Lisboa e João Paulo Oliveira e Costa, bem como às instituições que connosco cooperaram na organização de eventos: o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XXI, da Universidade de Coimbra, e o Centro Hospitalar Conde Ferreira, do Porto. Agradecemos a Rui Magalhães, das Edições Húmus, o bom acolhimento à publicação deste volume. Agradecemos muito especialmente à Fundação Calouste Gulbenkian, na pessoa do professor Jorge Soares, director do Departamento de Saúde e inovação, cujo apoio foi crucial para a boa execução de todo o projecto.